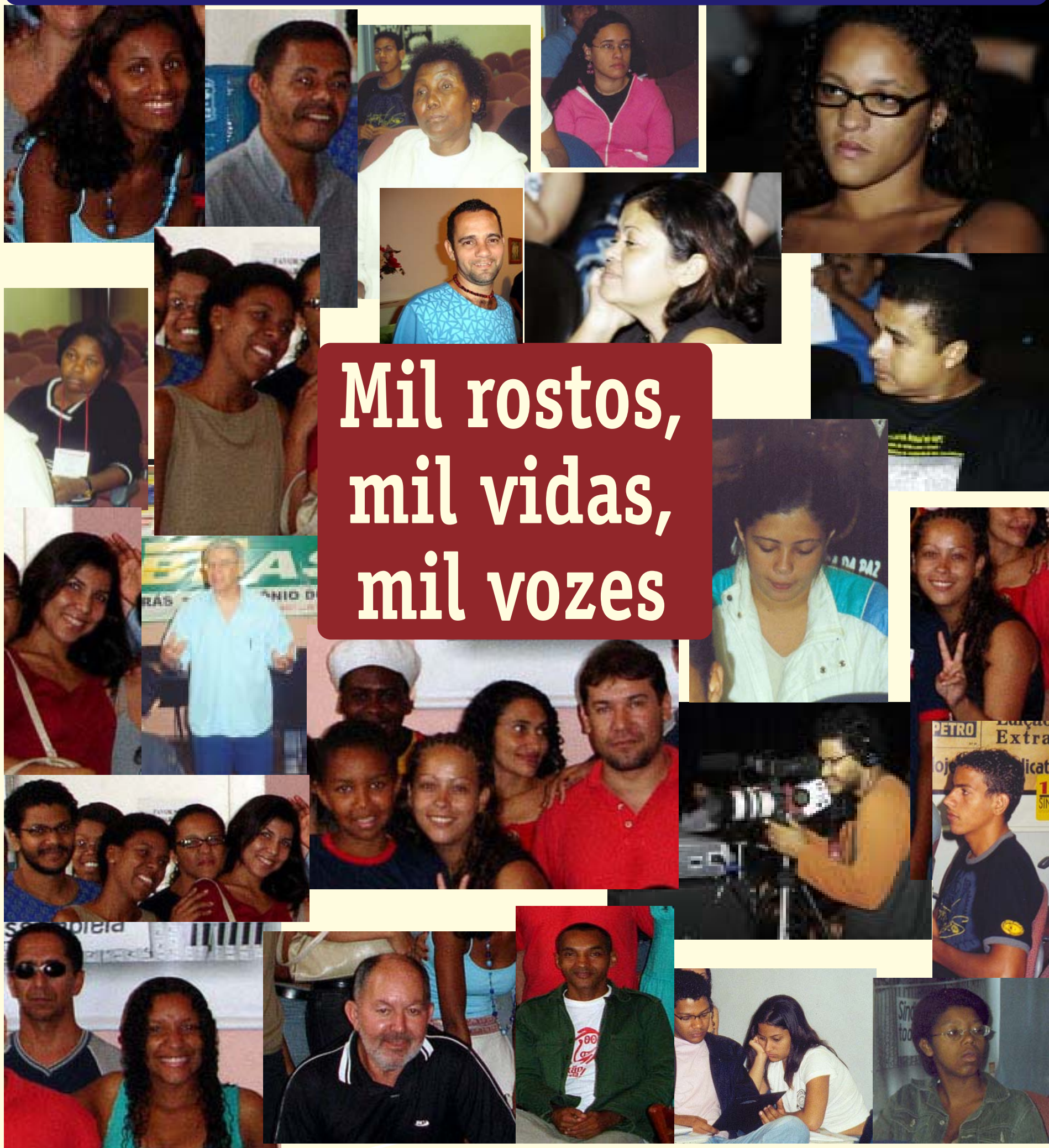


# VOZ DA COMUNIDADE

Jornal desenvolvido por alunos do Curso de Comunicação Comunitária - do Núcleo Piratininga de Comunicação - Nº 2- Março/2007

Mil rostos,  
mil vidas,  
mil vozes



## Disputa de hegemonia: do século XIX ao século XXI

Por  
**Cristiane Ferreira Barbalho**

No dia 17 de setembro foi ministrada, no curso de Comunicação Comunitária do Núcleo Piratininga de Comunicação, a palestra sobre hegemonia, por Vito Giannotti. A aula deu um apanhado geral sobre o desen-volvimento da sociedade capitalista no século XIX e o avanço do socialismo no século XX. Além de expor suas influências nos dias de

hoje. Uma outra questão abordada foi a greve, como se deu o desenvolvimento de uma sociedade mais questionadora e o surgimento dos sindicatos.

Os anos 60, do século XX, foi um dos períodos comentados pelo palestrante. Foram colocados os

grandes acontecimentos da época, no Brasil, como o aparecimento da ditadura, da censura, da reforma agrária e das grandes greves no país.

A burguesia foi uma das organizadoras do golpe de 64, já que as políticas públicas da época visavam ao benefício do povo, controlando assim as remessas de lucro, ou seja, das divisas. E isso permitiu que o grande capital ficasse livre e favorecesse a burguesia.

Nos primeiros quatro anos da ditadura, as pessoas podiam reivindicar com as manifestações e as passeatas, porém as greves eram proibidas. Em 1968 foi instaurado o AI-5 (Ato Inconstitucional nº 5), que permitiu o fechamento de diversas instituições.

Estes foram alguns aspectos tratados na aula.

### A burguesia foi uma das organizadoras do Golpe de 64

#### Expediente

*Este é um jornal laboratório. Foi produzido pelos alunos do Curso de Comunicação Comunitária, ministrado pelo Núcleo Piratininga de Comunicação, sob a coordenação de Claudia Santiago.*

*Aa aulas foram ministradas em quatro módulos de 16 horas, cada um, nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2006.*

*O curso teve apoio material do Sindipetro-RJ; e apoio financeiro do Ceris.*

#### Agradecimentos:

Kátia Marko e Lígia Coelho (revisão) e Eduardo Nunes e J. R. Ripper (fotografia).

E aos palestrantes: Beto Novaes, Mário Camargo, Maurício Campos, Paulo Alentejano, Sérgio Domingues, Stela Guedes e Vito Giannotti.

Participaram do curso moradores de bairros populares, favelas e de ocupações urbanas na cidade do Rio de Janeiro. Dentre estes, alguns são estudantes de comunicação.

**Endereço:** Rua Alcindo Guanbara, nº 17 sala 912. Tel. (21) 22 20-56 18  
**Impressão:** Folha Dirigida.  
**Tiragem:** 3 mil exemplares.



## Conta pra gente!

Fala, Além, Joana, Valentin ...

# Quando o compromisso supera a realidade

Afonso Celso Teixeira, 41 anos, é professor de matemática e atua no seu sindicato.

O professor se depara com o duro desafio de dar aulas em escolas públicas no Rio de Janeiro, onde a estrutura dos alunos e do estado vai de mal a pior. A violência chegou à sala de aula: alunos mostram armas e ameaçam professores. Essa é a forma de intimidá-los quando a nota não agrada.

O governo, de propósito, tira tudo o que pode da população mais carente e, quando deveria retribuir com o mínimo para a sobrevivência de todos, exagera no descaso.

Apesar de tudo, a população que precisa ser assistida responde com dignidade.

Basta olhar para a educação pública. Crianças que chegam com todas as seqüelas que a vida lhes impõe, como: vícios, assassinatos, agressões, etc.

Na família é bombardeada pela grande mídia, convidando o tempo todo à disputa e ao consumo do que não podem ser e ter. Ainda assim nossos jovens con-seguem comparecer a uma instituição do Estado, que é a escola, e a aprender apesar das deformações.

*(Além - Ocupação Chuiquinha Gonzaga e Joana - Cidade de Deus)*

### O governo exagera no descaso com os pobres

## Prédio abandonado no centro do Rio é ocupado por moradores de rua

No dia 23 de abril de 2005 foi ocupado um prédio abandonado no Centro do Rio de Janeiro. Participaram moradores de rua, trabalhadores informais e famílias sem condição de pagar aluguel.

Toda a organização aconteceu através de reuniões. Assim, 120 famílias estão morando em condições dignas. Colocamos em prática o que diz a nossa Constituição: garantir

moradia às pessoas de baixa renda.

Zumbi dos Palmares foi o nome escolhido para a ocupação, onde hoje os moradores procuram manter o prédio com trabalhos coletivos.

Buscamos junto ao INSS, dono do prédio, uma negociação de compra e venda, mas não há nem um sinal de interesse em nossa proposta.

*Joel Valentin - Zumbi dos Palmares*

## Polícia continua fazendo o papel de capitão do mato

Desde que foi criada, aqui no Brasil, a polícia só faz a mesma coisa: prende, julga, tortura e mata!

O problema é que só faz isso com o negro, o pobre, enfim, o desfavorecido. É lamentável que o policial tenha psicologia para certas

situações mas não consiga perceber que ele também é pobre, contratado pelos brancos ricos, principalmente para maltratar o povo pobre de dinheiro.

*Além - Ocupação Chuiquinha Gonzaga*

# Descaso com a saúde: uma realidade em educandários sócio-educativos

**No Educandário Santo Expedito (ESE), Bangu, jovens e adolescentes que cumprem medida sócio-educativa sofrem com o descaso e o desrespeito quando o assunto é saúde, de acordo com mães dos internos.**

Por  
**Alessandro dos Santos**

**A**s mães dos internos no Educandário Santo Expedito denunciam que os jovens não recebem nenhum tipo de ajuda médica. No centro de recuperação, quando se precisa de uma receita, um funcionário é quem se encarrega de escrever em um pedaço de papel. O medicamento, que deve ser comprado pelas famílias, não recebe nenhum

carimbo ou assinatura de médico. Os atendentes ainda, agem de forma irônica quando os pais levam os medicamentos para os filhos.

“Foi feita uma receita em um papel comum com a descrição do remédio que deveria ser comprado. Eu cheguei e encontrei meu filho com febre. Deixei os medicamentos e eles não foram entregues e ainda agiram de forma irônica e com muito pouco interesse”, revela R., mãe do interno de 19 anos

que contou com a ajuda de familiares para comprar os remédios.

## **Abusos e mau-tratos**

No educandário, por medo de sofrer represálias, os jovens não contam sobre os abusos e maus-tratos que recebem dos monitores. Por isso, os pais não conseguem saber das reais condições em que se encontram os filhos.

O pouco caso das autoridades é grande. Mesmo com protestos e manifestações organizadas pelos pais não existe mudança.

Os jovens vivem em celas sujas. Também não recebem nenhum tipo de

orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis. Nesses casos, uma simples infecção pode levar à morte.

“No Santo Expedito meu filho nunca ouviu uma palestra ou recebeu alguma orientação médica sobre doença sexualmente transmissível”, conta R., que participou em abril de manifestação por melhores condições de saúde, explicando que o filho sofreu com uma infecção bacteriológica.

Para evitar punição, os nomes das mães e dos jovens foram omitidos desta matéria.

## **Jovens ficam expostos a doenças que se alastram**

## Um sistema superlotado e imundo

J. R. Ripper



Esta foto é apenas ilustrativa. Foi feita em uma cadeia de adultos

**A**s reclamações de maus-tratos são constantes e ignoradas pelo Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas (Degase), órgão estadual responsável pelos centros de detenção juvenil.

“Têm muitos jovens com ferimento lá dentro que não recebem nenhum tipo de assistência e os guardas mostram descaso e des-respeito. Já levei reclamação ao diretor e não adiantou nada”, conta a mãe L. de um interno de 17 anos que esteve

*O descaso das autoridades não é coisa nova. Organizações como a “Human Rights Watch”, que defende o direito dos jovens detidos, denuncia os centros de detenção infanto-juvenil do Rio de Janeiro como um sistema superlotado e imundo.*

com febre durante três dias e não recebeu atendimento imediato.

A “Human Right” visitou o Educandário em 2003 e em março de 2005 e fez um levantamento dos problemas e cobranças às autoridades. Mas de lá para cá, muito pouco mudou. No Santo Expedito, os direitos humanos básicos dos adolescentes detidos não são respeitados.

**ONG faz cobranças mas nada muda**

jovens ao sofrimento físico, mental e moral. E também a uma escalada no aprendizado do crime. A lei garante aos jovens o direito de receber tratamento respeitoso e digno, ensino de qualidade, condições adequadas de tratamento de saúde e higiene. Mas esta função do estatuto não saiu do papel, ficou no meio do caminho.

## **O ECA não é respeitado**

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), atender os jovens, mesmo infratores, que tenham necessidades psiquiátricas ou clínicas além de ser obrigação é uma medida de proteção. E as instituições que não cumprem essa função sócio-educativa condenam os

Os centros de recuperação não recebem fiscalização de saúde e os internos ficam constantemente expostos a tuberculose e epidemias de sarnas, doenças contagiosas que se alastram com facilidade nas condições de confinamento, superlotação e higiene precária.

# Estudante fala sobre preconceito e racismo



*“No começo, eu não me sentia parte nem da Sul e nem da Norte. Hoje eu já sei o meu lugar, que é Realengo, lugar onde nasci”, conta Carlos.*

Carlos Maia tem 25 anos. Estudou boa parte de sua vida em escola pública. Hoje é estudante de jornalismo da Facha, em Botafogo. O tema desta entrevista é preconceito e racismo.

**Voz da Comunidade- Você já sofreu preconceito?**

Carlos - Sim. Teve uma vez que entrei em uma loja na Zona Sul e o segurança me seguiu na loja toda. E quando o alarme tocou, mostrei ao segurança que não tinha nada. Fiquei constrangido.

**Voz - Como você se sente quando entra um negro pela**

**porta traseira do ônibus?**

Carlos - Seja branco ou negro fico cabreiro. Sinto raiva deste sentimento. Um dia um menino negro entrou, com cheiro de cola e se encostou em mim. Só deixei o menino encostado porque pensei ser um sinal de Deus.

**Voz - O que é ser negro?**

Carlos - É uma coisa normal.

**Voz - Como você sente a diferença entre viver na Zona Sul, e na Zona Norte?**

Carlos - No começo, eu não me sentia parte nem da Sul e nem da Norte. Hoje eu já sei o meu lugar, que é Realengo, lugar onde nasci.

**Voz - Você acha que os negros são racistas entre si?**

Carlos - Dos dois tipos. Porque as pessoas copiam o que elas nunca vêem. Uma vez fui no Shopping na Gávea, um negro me olhou de cima abaixo, incomodado. Pois ele era o único negro até eu chegar.

**Voz - Você se sentiu representando os negros quando fez um depoimento na novela Páginas da Vida?**

Carlos - Sim. Porque recebi muitos elogios na rua de pessoas que nem ouviram o que falei.

*Por Tatiana (FLP); Rozi (CDD); Cristiane (Maré) e Vivian (Manguinhos)*

## Ocupações: uma opção para quem vive nas ruas



*Joel Valentim é morador da Ocupação Zumbi dos Palmares, que existe há um ano e cinco meses, em um velho prédio do INSS, na Praça Mauá. Tem 47 anos e trabalha com estampa e serigrafia.*

**Voz da Comunidade - Como você chegou à ocupação?**

Joel Valetim - Eu morava no morro do Borel e trabalhava com serviços gráficos para alguns

movimentos sociais. Através deste trabalho fui convidado a apoiar as ocupações e decidi ingressar na ocupação Zumbi dos Palmares.

**Voz - Como são organizadas as ocupações?**

Joel - Na Zumbi dos Palmares, foram nove meses de reuniões para decidir o grupo e o prédio escolhido para a ocupação.

**Voz - Como vocês escolhem quem vai fazer parte da ocupação?**

Joel - Além do apoio de algumas pessoas, nós conversamos com vários moradores de rua e trabalhadores informais, que não têm condições de pagar aluguel. Estas pessoas preenchem uma ficha e verificamos todo o seu histórico que vai ser analisado e aceito de acordo com o perfil que o movimento exige.

**Voz - Como vocês têm acesso aos prédios abandonados da cidade?**

Joel - Por pessoas que atuam no movimento. Atualmente existem no Rio de Janeiro uma média de 5.000 prédios desocupados.

**Voz - Qual o critério para a escolha dos prédios?**

Joel - O movimento dá preferência a prédios públicos que não estão sendo utilizados, por estar na Constituição o direito à moradia.

**Voz - Como se dá a organização das famílias dentro da ocupação?**

Joel - Através de reuniões, onde dividimos em comissões que ficarão responsáveis pela manutenção de serviços básicos, como: energia, água, segurança, alienação, portaria etc.

**Voz - Quais as maiores dificuldades?**

Joel - O individualismo, pois algumas famílias, após se estabelecerem, acabam não mais participando das atividades coletivas. O alcoolismo também é um dos

problemas que enfrentamos.

**Voz - Como é que vocês lidam com a educação das crianças?**

Joel - Todas as crianças são matriculadas na escola convencional, além do reforço escolar que é feito, através do apoio de universitários. Temos também o apoio da Fundação da Infância e da Adolescência (FIA)..

**Voz - Existe alguma relação entre as ocupações?**

Joel - Sim. As ocupações apóiam umas as outras, formando um elo.

**Voz - Tem mais alguma questão a ser colocada?**

Joel - O sucesso desse trabalho é manter esta organização, dando moradia digna às pessoas que precisam.

*Por Gisele (Maré), Marcela (Manguinhos), Cátia (Centro) e Joana (CDD).*

## “Você não se enquadra no que a empresa precisa”, é uma das frases mais ouvidas

Alessandro dos Santos tem 33 anos. Aos 25 perdeu a visão. É estudante de Jornalismo. Nesta entrevista ele conta como é ser deficiente visual, suas sensações e desafios.

**Voz da Comunidade - Há quanto tempo você é deficiente visual?**

**Alessandro** - Há oito anos. Tive uma inflamação na córnea aos 25 anos que pode ter provocado a perda total da visão.

**Voz - Como era sua vida antes?**

**Alessandro** - Trabalhava em lanchonete, mas sempre tive vontade de fazer comunicação. Depois do acidente, fiz reabilitação no Instituto Benjamim Constante e tomei conhecimento da possibilidade da bolsa de estudos.

**Voz - Como você sente o mundo de hoje?**

**Alessandro** - Não mudou muito. Sou mais ativo, tenho mais iniciativa. Como não enxergo,

tenho que falar mais com as pessoas. Tenho mais vontade de fazer as coisas, e assim busco mais do que antes.

**Voz - Em relação às suas emoções, mudou alguma coisa?**

**Alessandro** - As emoções são as mesmas. Em relação à percepção tenho que desenvolver outros sentidos, como o tato, o olfato e a audição, que é o principal sentido que utilizo e desenvolvo.

**Voz - Como faz para saber as horas?**

**Alessandro** - Hoje a modernidade já facilita muito a nossa vida, temos um relógio que fala, um programa de computador que auxilia na Internet a realizar os textos no

jornalismo e o gravador para gravar as aulas.

**Voz - Qual a sua opinião sobre o mundo e o futuro da humanidade?**

**Alessandro** - O mundo tem cura se a humanidade se der conta disso. E se a própria humanidade parar de destruir o mundo e a si mesmo.

**Voz - As empresas de comunicação empregam deficientes visuais?**

**Alessandro** - O mercado de jornalismo já é fechado e quando se é deficiente as dificuldades só aumentam. São poucos deficientes que se aventuram no jornalismo. As empresas têm a política de reserva de 5% para deficientes, mas algumas pegam aqueles com as menores deficiências, pois até aqueles que



enxergam pouco também são considerados deficientes visuais. Tenho enviado currículos, já fiz até provas e depois infelizmente a resposta tem sido: “você não se enquadra no que a empresa precisa”.

Por Rosilene Ricardo (Maré),  
Verônica (Manguinhos),  
Antonia dos Santos (Zumbi dos  
Palmares) e Além Sheiquinal

## O estudo dos conflitos urbanos ajuda a entender a cidade

Entrevista com o historiador e pesquisador Guilherme Marques, “Soninho”.

**Voz da Comunidade - De que organização/movimento faz parte?**

**Soninho** - Sou pesquisador do Observatório dos Conflitos Urbanos, que é um projeto do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/ UFRJ- em um trabalho junto com a Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

**Voz - Como se deu sua participação nesse projeto?**

**Soninho** - Desde jovem participo de movimento social (estudantil). Depois comecei a estudar a luta dos trabalhadores, os sindicatos e movimentos e conflitos urbanos:

luta contra o “caveirão”, luta dos camelôs, ocupações de sem-tetos etc. No mestrado do IPPUR, pude estudar melhor a cidade do Rio de Janeiro e perceber que os conflitos são como uma chave de leitura para entender a cidade e para se ver como ela é desigual. No Observatório pesquisamos jornais, processos do Ministério Público, TV etc, e registramos todos os conflitos que encontramos. Depois colocamos todas essas informações em um site na Internet.

**Os conflitos mais comovedores são os relacionados à violência**

**Voz - Qual o conflito que mais o comoveu?**

**Soninho** - Os mais numerosos e comovedores são os conflitos relacionados ao problema da violência. Já registrei casos de tortura, de mães que tiveram dois, três filhos assassinados, casos que chegam a dar vontade de chorar.

**Voz - O Movimento Sem-Teto desconfia desses institutos?**

**Soninho** - Muitas vezes, sim. O movimento sabe que muitas vezes o Estado não os ajuda, mas, pelo contrário, os reprime. No nosso caso não há motivo para desconfiar; afinal o nosso objetivo é dar visibilidade às lutas e conflitos urbanos. Somos da universidade, não da imprensa burguesa ou da polícia. Alguns de nós atuamos também como militantes, colaborando com cursos de formação, como este aqui.

**Voz - Qual é a diferença entre a luta do campo e da cidade?**

**Soninho** - No campo, o trabalhador ocupa a terra e, além de morar, tem como trabalhar, o que não acontece na cidade. E o problema do



desemprego é gravíssimo! Além disso, na cidade tem o tráfico e as milícias que também oprimem muito os moradores de favelas e ocupações. Mesmo assim, podemos perceber que quando há organização, a luta avança.

Por Monique (Mangueira),  
Letícia, Deziré (Iba do  
Fundão), Douglas (Maré),  
Wilson e Maciel (Chiquinha).

# Reduzir a idade penal é solução fácil para um problema difícil

A redução da maioridade penal veio à tona com o caso Champinha, noticiado pelos meios de comunicação, no final do ano passado.

O projeto de Emenda Constitucional que pede a redução dos 18 anos para os 16 anos já transita no Congresso há mais de 10 anos. Outros processos pedem a redução para 14 anos.

Os defensores do projeto argumentam que a redução da maioridade diminuiria a criminalidade entre os jovens, pois assim pensariam duas vezes antes de cometer alguma infração.

Por Cátia Pedrosa Medeiros

O deputado Jair Bolsonaro, um dos líderes da direita no Congresso Nacional, diz o seguinte, em defesa do projeto: “Você só respeita aquilo que você teme. Se acreditar que com 17 anos não vai acontecer nada com você, vai praticar o crime”. O deputado vai ainda mais longe e diz que as soluções para o problema seriam a pena de morte e o controle da natalidade.

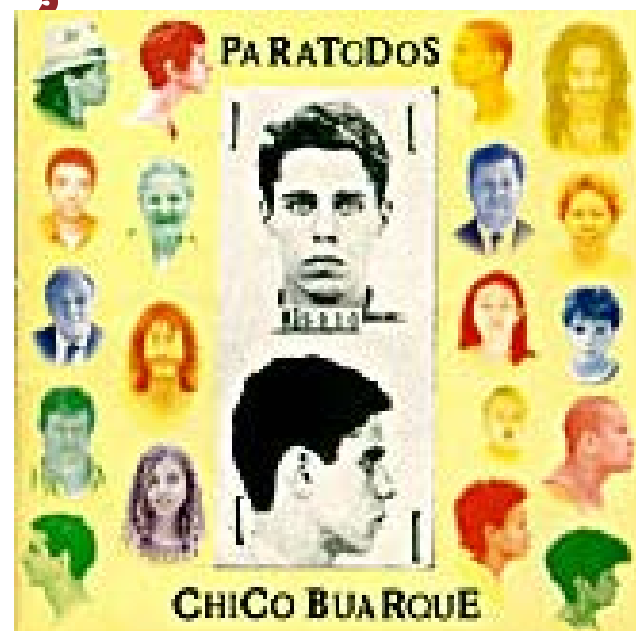
O estudante de Direito da PUC-Rio de Janeiro Pedro de Souza Cabral de Melo, 27 anos, pensa diferente:

“A proposta da redução da maioridade penal é paliativa, para ignorar os grandes problemas da sociedade brasileira, que não estão restritos aos

menores de idade, e sim às relações de poder entre o Estado e a população. Porém, em casos de crimes hediondos, poderia ser revelada esta questão da maioridade penal.”

Na música *A foto da capa*, um poeta consagrado cita uma experiência vivida na adolescência:

**“Era rala a luz naquele calabouço  
Do talento a clarabóia se tampara  
E o poeta que ele sempre se soubera  
Claramente não mirava algum futuro  
Via o tira da sinistra que rosara  
E o fotógrafo frontal batendo a chapa...”**



Este trecho faz parte da música de Chico Buarque, que quando jovem roubou um carro, por diversão, com seus amigos. Na época quem o tirou da cadeia foi sua irmã, com o advogado, mas quantos têm a mesma assistência que lhe coube?

Se jovens criados com boas condições de vida, freqüentando ótimas escolas; cometem delitos, o que dizer dos jovens que vivem no meio da violência, discriminação e exploração?

A grande maioria dos adolescentes está submetida ao descaso, à falta de assistência e à omissão criminosa. São vítimas de uma má distribuição de renda que contribui para que seus problemas se agravem. Um batalhão de meninas e meninos mal alimentados e, muitas vezes, espancados.

## Quantos Chico Buarques o Brasil perde por ano?



**Jonas Avelino, do Movimento Moleque, que reúne pais de jovens infratores, foi um dos alunos do curso de Comunicação que deu origem a este jornal. Sua presença influenciou a pauta da publicação, como se pode perceber**

As instituições de reeducação existentes hoje no Rio de Janeiro não reintegram os jovens. Jonas Martins, pai de um jovem de 16 anos que foi interno, por um período, no Educandário Santo Expedito, na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, conta a sua experiência: “Os internos sofrem maus-tratos, espancamento; a alimentação é péssima, apesar de ter comida, a própria cozinha cheira mal e os jovens não fazem nada o dia todo. Ensino não existe. O que os meninos aprendem é a experiência vivida entre eles quando estavam em liberdade.”

Essas instituições são verdadeiras escolas de criminalidade. Os meninos, independente se participavam ou não

de alguma facção, comum no mundo do tráfico no Brasil, têm que escolher em qual delas quer ficar. Pois lá dentro, as celas dos internos são divididas entre os grupos. Estes grupos sempre estão em confronto como acontece nas cadeias do País.

**O atual moldelo dos projetos não funciona**

Estudos revelam que jovens encaminhados a projetos sócio-educativos, alternativos ao sistema de reclusão, têm muito mais êxito. As medidas sócio-educativas previstas pelo ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) vão desde a advertência, passando pela obrigação de reparar o

dano, prestação de serviços à comunidade ou inserção no regime de liberdade até restritiva liberdade.

Para mim, se permitirmos que o projeto que reduz a maioridade penal seja aprovado, daqui a pouco eles vão querer baixar ainda mais, em vez de cumprirem com suas obrigações, que nada mais é do que proporcionar uma vida mais digna para o povo.

A punição e a reclusão já nos mostram que não adianta em nada. Levar o jovem cada vez mais cedo para a cadeia é um erro. Devemos encontrar soluções mais educativas. Quantos Chicos Buarques, artistas, professores e cidadãos brasileiros o Brasil perde todos os anos?

# Educação: sociedade se organiza para cumprir papel do Estado

*A educação no Brasil é um fator de descontentamento e um dos principais temas de discussão em diversos setores da sociedade. Pesquisas demonstram a precariedade do ensino no país.*

Por  
**Marcela Figueiredo**

**A**lunos de escolas públicas sofrem diariamente por estarem na linha do fogo cruzado entre policiais e criminosos. Sofrem também com anuais greves de professores e a má qualidade no ensino.

Na rede particular, o quadro não é muito diferente. Quando o assunto é qualidade, muitas escolas deixam a desejar. Algumas instituições se preocupam apenas com o lucro que poderá ser obtido.

Com uma educação que está péssima desde sua base, o Brasil não poderia estar diferente no que diz respeito ao nível superior. São poucos os alunos da rede pública que conseguem chegar às universidades estaduais e federais.

“Muitos nem tentam o vestibular para as faculdades públicas. Estão convencidos de que não vão passar”, diz Rosana Rezende, ex-aluna do pré-vestibular comunitário de Manguinhos e atual aluna de enfermagem da UFRJ.

Sem esperança na aprovação do concurso e como não têm dinheiro para pagar o curso em uma instituição privada, muitos jovens pobres acabam por não conquistar o diploma de graduação.

## A opção para o pobre é se organizar coletivamente

Motivada pelo objetivo de ajudar pessoas historicamente excluídas e discriminadas a entrar na universidade, a sociedade civil se organiza. Surgem, na década de 90, os núcleos pré-vestibulares comunitários.

No Rio de Janeiro, movimentos como Educafro e PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes) reúnem grupos de professores e coordenadores voluntários para proporcionar aos jovens das classes menos favorecidas o ingresso em um curso superior.



**“A educação no Brasil é desigual e de má qualidade. A de qualidade é acessível a poucos.**

**Jocelene Ignácio,**  
Doutoranda em Serviço Social pela PUC/RJ.

**“É por meio dos pré-vestibulares comunitários que os alunos pobres, principalmente de escolas públicas, podem entrar nas universidades.**

**Helen Barcelos,**  
Estudante de Geografia da Uerj.

## Trabalho voluntário garante funcionamento dos pré-vestibulares

Tanto a Educafro quanto o PVNC surgiram com o objetivo de levar jovens das classes menos favorecidas às universidades públicas e particulares com bolsas de estudo. Hoje, no Brasil, existem centenas de núcleos pré-vestibulares comunitários.

Todos os núcleos funcionam com o apoio de professores e coordenadores voluntários. Normalmente as aulas são ministradas em espaços cedidos por igrejas, escolas e associações comunitárias. Para manutenção dos espaços e

compra de materiais, os alunos dão uma colaboração mensal. O valor fica em torno de 10% do salário mínimo.

Além das aulas com matérias teóricas, como matemática e biologia, os alunos têm aulas de cultura e cidadania. Nessas aulas eles discutem temas polêmicos como violência, discriminação, questão racial e desigualdade social. Discutem também outros temas da atualidade como globalização e meio ambiente.

# O que é hegemonia hoje?

*Participantes do curso de Comunicação Comunitária do Núcleo Piratininga de Comunicação, após aula sobre disputa de hegemonia, escreveram textos sobre o que entendem deste tema.*

## O capitalismo gera angústia e ansiedade



Por  
**Leilane Mosry**

Vivemos sob o poder do capitalismo. Enfrentamos o domínio da comunicação burguesa que nos enfia goela a dentro os interesses capitalistas. Estes, criam necessidades que geram

angústia, ansiedades e promovem desejos só satisfeitos pelo consumo desenfreado e irresponsável de bens e serviços. A mídia impõe à sociedade aquilo que interessa à burguesia.

Precisamos buscar melhor acesso democrático aos meios de comunicação, separando a ficção da realidade e conseguindo uma nova imagem e visibilidade, sem ser as impostas pelos burgueses. Criando estruturas construtivas e sólidas para derrubar o processo de superexploração do capitalismo.

Precisamos ter clareza da nossa disputa, para podermos pautar com uma linguagem clara e compreensiva propostas de mudanças que sejam atrativas e que resgatem os nossos valores.

## Os meios de Comunicação tentam nos manipular



Por  
**Gisele**  
XXXXXXX

Há mais ou menos 200 anos, os jornais chegaram com grande importância na vida das pessoas. Foram criados com o objetivo de informar, trocar experiências e, assim, transformar cada notícia num momento de reflexão. Com o passar dos tempos, da História, outros meios de informações foram surgindo, agora com outra utilidade, o de manipular.

Transformações no mundo foram

ocorrendo, como na tecnologia, na religião, na política. Todas essas mudanças atingiram a vida da população. A maioria dessas pessoas foi e é friamente enganada, manipulada por suas lideranças políticas, mas nada percebem, por isso nada fazem.

E, para que os cidadãos não vejam que estão sendo iludidos, para que eles escutem suas promessas como coisas boas e agradáveis, pesquisas foram feitas, e mostraram que era através da mídia que estava crescendo cada dia mais, que poderiam fazer o que quisessem, ditando suas regras tranquilamente, sem que ninguém notasse suas armadilhas.

Assim é hoje. As disputas de poderes, a globalização e a mídia andam juntas, estão diretamente ligadas, cada uma com seus objetivos. A alienação por meio da comunicação é um benefício para a minoria que tem todos os poderes nas mãos.

## A disputa de hegemonia é uma luta desigual



Avelino

*A luta pela hegemonia na sociedade é uma luta desigual. Não dispomos de ferramenta adequada para o enfrentamento*

Os jornais como *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* não chegam às massas, tanto pelo preço, como também pelo fato da grande maioria do povo não ter hábito de leitura. A elite sabe disso

e, por isso, *O Globo* criou dois outros jornais: o *Extra* e há pouco, o *Expresso* para competir com o *Meia Hora*, que é de propriedade de *O Dia*. São jornais voltados para um público com baixa escolaridade.

O objetivo desses jornais é ganhar dinheiro, mas, principalmente, desinformar, entreter a massa com banalizações, coisas fúteis, ou seja, manipular, desviar do foco principal.

Além disso, a burguesia tem outros meios de comunicação, a televisão e seus programas, como as telenovelas, *Gugu*, *Faustão*.

Do nosso lado, nós damos pouco peso à luta ideológica. Nossos jornais pouco são lidos pelos trabalhadores pelo mesmo motivo já dito: são caros e o povo não tem hábito de leitura.

Portanto, temos um grande desafio. Desenvolver meios para disputar hegemonia, ou seja, disputar a direção da sociedade.

## Hegemonia é força e convencimento



Por  
**Verônica R. da Silva**

*Manipular as pessoas é o papel da maioria dos meios de comunicação no mundo inteiro.*

A guerra fria é um dos maiores exemplos da história de disputa de hegemonia. Estados Unidos e União Soviética travaram, durante quase três décadas, um conflito político que

dividiu o mundo entre os dois blocos: socialista e capitalista. O resultado foi o fim do socialismo soviético e a ascensão da hegemonia capitalista. A partir daí, o mundo passou a ser definitivamente lucrativo para os ricos e miserável para os pobres.

Nessa disputa, foi preciso ter meios de levar de forma rápida e o mais longe possível seus planos e ideais. Hoje, o objetivo é fazer com que a burguesia imperialista tenha mais mercados consumidores.

A ditadura do consumismo levada às casas através de rádios, televisão e jornais leva a uma procura sem fim de consumidores obcecados em estar sempre na atualidade.

Isso nos faz refletir sobre como somos induzidos a ter opiniões que talvez não teríamos se as recebêssemos de outra maneira.